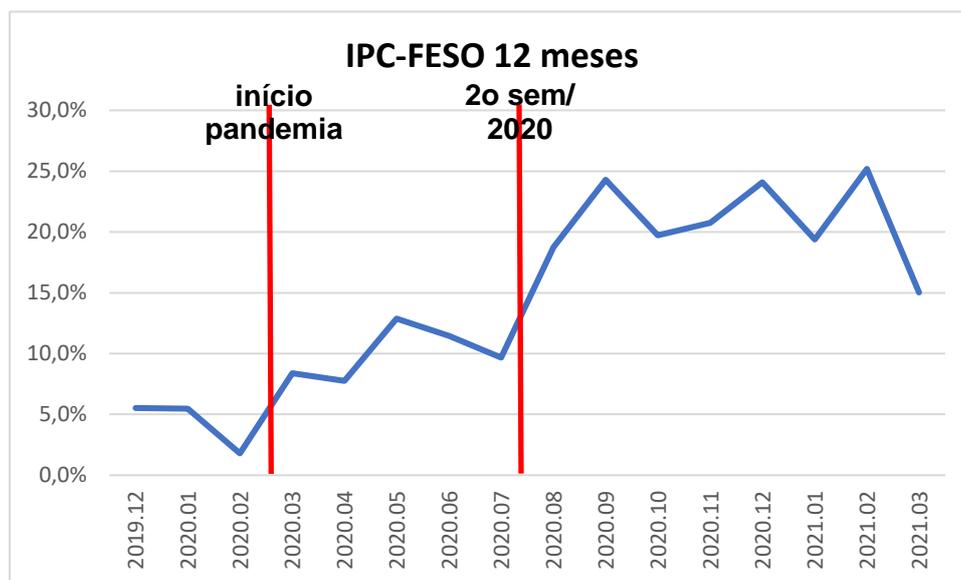


SAÚDE E ECONOMIA

*Roberta Montello Amaral **

Hoje tenho, mais uma vez, a tarefa de escrever sobre os preços em Teresópolis. Diante de uma inédita antecipação de diversos feriados, volta de rodízio de CPF e ameaça de novo *lock-down* provocados pelo avanço da pandemia do coronavírus, vamos seguindo sob forte emoção e contornando os grandes desafios que a vida vem nos apresentando. E, em meio a tantas notícias tristes, como o fracasso da luta de amigos próximos, autoridades locais e familiares de nossos estudantes, começo a enxergar, pelo menos em termos econômicos, algum alento.

Pela primeira vez, dentro dos últimos 8 meses, a inflação acumulada pelo IPC-FESO, o Índice de Preços ao Consumidor de Teresópolis, indicador apurado com a ajuda dos alunos de graduação em administração e em ciências contábeis do UNIFESO, observa-se um valor acumulado próximo a 15%. A princípio este parece ser um valor elevado, mas é um forte indicativo de que, a partir dos próximos meses, a tendência é observarmos queda na variação de preços acumulada. O gráfico a seguir ilustra esse meu ponto:



O que se observa é que, antes da pandemia, esse indicador teve um comportamento que se aproximava da meta estabelecida pelo Governo Federal para a inflação brasileira. Mas, a partir de março de 2020, não só foi observada uma forte elevação da medida, mas, também, vivemos uma situação de inflação anual superior a dois dígitos. Com o agravamento da pandemia, que não chegou a entrar numa segunda onda porque nunca apresentou um comportamento que indicasse que, em algum dia, saímos da primeira crise de contaminação, vivemos, no segundo semestre de 2020, sob cenários econômicos com variações de preços próximas a 20% ou 25%. Essas taxas nunca tinham sido vivenciadas pelos nascidos após o plano Real. Isso, com certeza, gerou muita desorganização nos lares das classes média e baixa de nossa cidade. Certamente

esse cenário tende a gerar muita incerteza quanto à superação da crise que, pela primeira vez, não tem um fundamento isolado em escolhas puramente econômicas. Agora, as questões de desordem econômica envolvem, também, a conjuntura da saúde. A meu ver, pode-se dizer que, pela primeira vez, percebo as duas áreas extremamente interligadas.

A boa notícia é que a equipe econômica parece estar atenta a esses movimentos. Com a elevação da taxa de juros básico da economia, a trajetória de aceleração de preços parece estar sendo revertida. Associado a isso, o incremento da velocidade do processo de imunização da população tende a diminuir a incerteza e, certamente, deve levar a economia de volta aos eixos. A única dúvida ainda é quanto tempo levaremos até retornar ao nosso “normal”, não apenas em termos de saúde física, mas também em relação à economia. Por enquanto, nenhuma novidade, meus conselhos permanecem sendo os mesmo dos últimos 12 meses: fique em casa e controle seus gastos! O momento ainda é de cautela!

* *Roberta Montello Amaral* é economista, doutora em engenharia de produção e professora dos cursos de Administração, Ciências Contábeis e Nutrição do Unifeso e Diretora de Pós-graduação, Pesquisa e Extensão do Unifeso. E-mail: robertaamaral@unifeso.edu.br.